

O DESAFIO DA PREGAÇÃO BÍBLICA FRENTE À SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Thauane dos Santos Cordeiro¹

Fred Roland Bornschein²

RESUMO

Uma vez que o objetivo deste trabalho não é apenas discorrer sobre o desafio da pregação bíblica frente à sociedade pós-moderna, mas também conferir uma resposta a ele, percebeu-se que as características que compõem a pregação bíblica tanto apontam para conceitos inegociáveis, como a reivindicação de que existem, sim, verdades absolutas, quanto apresentam caminhos pelos quais a pregação bíblica pode e deve percorrer a fim de lograr espaço na sociedade atual. Em resposta a esses caminhos, elaborou-se a proposta de uma pregação que prima pela exposição da Palavra de Deus, que leva em consideração a sua aplicação às pessoas, apontando para Cristo em seu desenvolvimento. Voltada para o coração, para o envolvimento com os ouvintes, essa pregação tem como objetivo a exposição de um único princípio, ideia ou pensamento. Além disso, analisou-se o benefício da utilização de pontes de contato baseadas em experiências, crenças e afins, que são próprios e defendidos pela sociedade pós-moderna, a fim de que, posteriormente, sejam analisados através da pregação da Palavra de Deus. À vista disso, por mais desafiador que possa ser, a pregação bíblica não necessita ser corrompida em seu conteúdo para contextualizar-se com a pós-modernidade, antes, pode se adequar a algumas de suas características. Para a fundamentação do conteúdo em pauta, esse artigo utilizou-se da metodologia bibliográfica.

Palavras-chaves: pregação bíblica; pós-modernidade; contextualização.

ABSTRACT

Since the objective of this work is not only to discuss the challenge of biblical preaching in the face of postmodern society, but also to give an answer to it. It was noticed that the characteristics that make up biblical preaching both point to non-negotiable concepts as the claim that there are absolute truths, as they present paths through which biblical preaching can and must travel in order to achieve space in today's society. In response to these paths, a proposal was made for a preaching that excels in exposing the Word of God, which takes into account its application to people, pointing to Christ in its development. Turned to the heart, to engage with the listeners, this preaching aims to expound a single principle, idea or thought. In addition, the benefit of using bridges of contact based on experiences, beliefs and the like, which are proper and defended by postmodern society, was analyzed, so that, later, they are analyzed through the preaching of the Word of God. In view of this, as challenging as it may be, biblical preaching does not need to be corrupted in its content to contextualize itself with postmodernity, rather, it can adapt to some of its characteristics. To support the content in question, this article used the bibliographic methodology.

Keywords: preaching biblical; postmodernity; contextualization.

¹Bacharelada em Teologia na Faculdade Teológica Betânia (Curitiba – PR). Contato: thau_cordeiro@hotmail.com.

²Bacharel em Teologia e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor de Teologia na Faculdade Teológica Betânia e na Faculdade Fidelis. Contato: frb372@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Registrada como um imperativo nos Evangelhos de Mateus e Marcos, a pregação faz parte da ordenança de Cristo. Identificada como o meio que Deus escolheu para salvar os que creem, a “loucura da pregação” foi exposta pelo apóstolo Paulo aos coríntios. Esse exercício impreterível da pregação, com efeitos à eternidade, por sua vez, enfrentou desafios em seu desenvolvimento e, uma vez sendo a principal área de estudo deste trabalho, a pós-modernidade será analisada como um desses desafios à pregação bíblica.

Por meio das fontes bibliográficas e de artigos na internet, infere-se que no atual cenário eclesial a pregação bíblica foi comprometida quanto ao seu conteúdo (QUINTELA, 2016, p. 108). Em meio a uma sociedade que prima pelo subjetivo, que não está disposta à reflexão e não acredita em defesas do que é ou não verdade, a participação da pregação bíblica não só tem perdido lugar para o entretenimento (CARSON, 2015, p. 412), como também – e principalmente aqui – tem sido apresentada como uma própria forma de entreter (LLOYD-JONES, 2008, p. 20), através de “púlpitos estéreis” nos quais conversas positivistas, histórias inspiradoras e palestras religiosas são proferidas em detrimento da exposição da Palavra de Deus, de Cristo e de sua obra (LAWSON, 2013, p. 23).

Diante disso, faz-se indispensável uma pesquisa sobre esse desafio que a pregação bíblica enfrenta diante da sociedade pós-moderna, pois a busca por comunicar-lhe a Palavra de Deus tem resultado em uma mensagem vazia do ensino bíblico, a qual é fundamental para a salvação e para cooperar no desenvolvimento na vida cristã (STOTT, 1997, p. 229). Compreender as características que formam a mentalidade pós-moderna faz parte desse desafio, posto que através delas torna-se possível realizar a conexão entre o compromisso com a exposição bíblica e o diálogo com a sociedade.

Sem negligenciar as bases que constituem uma pregação bíblica, serão analisados quais são as tarefas e o critério que devem regê-la, o processo de contextualização que deve estar sempre presente, bem como as exposições dos recursos que, frente a pós-modernidade, podem ser utilizados a fim de que a pregação alcance a sociedade atual, sem deixar de ser bíblica.

1. A PREGAÇÃO BÍBLICA NA PÓS-MODERNIDADE

O conteúdo que se seguirá neste capítulo tem por intuito compreender o período em que a sociedade se encontra, a pós-modernidade, a fim de que os desafios e oportunidades expostos por ela à pregação bíblica possam ser aferidos.

1.1 As características da sociedade pós-moderna

Por ser um processo histórico-social que se apresenta em resposta crítica à modernidade, o momento atual, denominado de pós-modernidade, é melhor entendido quando colocado ao lado do período que suplantou. Dessa forma, por ser objetivo deste ponto a elucidação da pós-modernidade, será exposto uma análise tanto da modernidade, mesmo que sucinta, quanto do momento atual, a pós-modernidade.

O retrato da modernidade é melhor enquadrado no período do Renascimento, no qual as primeiras manifestações de um novo tempo foram notadas quando a submissão à igreja começava a perder lugar para o poder do próprio homem (ESCOBAR; SALINAS, 1999, p.15). Essa transição teve seu início em estudiosos como Francis Bacon, o qual demonstrou a capacidade humana em dominar a natureza caso descobrisse seus segredos e em seu contemporâneo, René Descartes, autor da célebre frase “Penso, logo existo” que apresentou o homem como um “sujeito racional autônomo”.

Como se pode perceber, na modernidade, as apresentações filosóficas e científicas deram à mente humana lugar central na concepção da realidade. A razão foi ganhando espaço primordial e através dela o homem poderia caminhar, seguramente, em busca da verdade sobre a realidade. Schaeffer (1985, p.18) observa que o racionalismo ou humanismo – para o autor são conceitos intercambiáveis – trata do meio pelo qual o homem “começando absolutamente por ele mesmo, procura racionalmente construir fora de si mesmo – tendo somente o homem como ponto de interação – para encontrar todo o conhecimento, significado e valor”. Na modernidade, a razão é o caminho que leva o homem até o encontro da verdade universal, supracultural, uma vez que o conhecimento é algo exato, racional e objetivo (GRENZ, 2008, p.14-15; 20; 26;29).

É em resposta crítica a essa alegação que a pós-modernidade emerge, objetando que não há uma verdade absoluta. Para compreender o processo que culminou nesta contestação, é importante discorrer sobre o crescimento notável que a pós-modernidade logrou devido às mudanças pelas quais a sociedade passou: a chegada da era da informação.

Referir-se à transição da modernidade para a pós-modernidade, é ponderar sobre a transição de uma sociedade industrial para uma sociedade de informação. No final da década de 70, a era da informação gerava mudanças no trabalho e aproximava, como nunca antes na história, as pessoas em todo o globo, resultando no mundo conhecido hoje através do conceito da aldeia global. Agora, as informações chegam quase que instantaneamente e as pessoas passaram a ter consciência de um mundo com diversas formações culturais (GRENZ, 2008, p. 33-35). Essa concepção, portanto, passou a fragmentar a defesa da modernidade de alcançar um ponto comum, uma verdade universal, exata, através da razão. Abriu-se espaço para construções de “verdades”, através de outros caminhos, como as emoções e intuições. O holismo ganhava espaço, bem como a defesa do pluralismo, próprio da pós-modernidade.

No 11º Boletim Teológico da FTL, Os Guinness (1990, p. 20) considera o pluralismo como um crescimento das possibilidades de várias visões de fé, ideologias, cosmovisões e afins. Em sua observação, o ato de escolher passou a carregar valor em si mesmo e ainda mais, constituir juntamente com a constante mudança dessas escolhas, a essência do indivíduo. Bauman (2001, p. 14; 15; 159) corrobora com essa mudança incessante quando expõe o conceito de “modernidade líquida”³. O autor explica que a sociedade foi afetada por uma modernidade fluida que não caminha em busca de padrões fixos, que não acredita em regras com as quais as pessoas devem se conformar, mas, assim como os líquidos que não tem uma forma fixa, está sujeita a constante mudança. Comparando a modernidade e a pós-modernidade, expõe-se o conceito com abrangência:

Ao passo que a modernidade era um manifesto de auto-suficiência humana e de autogratificação, o pós-modernismo é uma confissão de

³ A condição humana atual em que não é possível manter-se com o mesmo e da mesma forma sempre. As idéias, os laços sociais e afins, são rompidos, mudados. Há uma quebra de padrões, uma fluidez, uma passagem fácil, rápida, uma transição constante de posições, pensamentos, escolhas... na vida humana (BAUMAN, 2001, p.14-15, 23).

modéstia e até de desesperança. Não há “verdade”, há apenas verdades. Não existe a razão suprema, somente há razões. Não há uma civilização privilegiada (nem cultura, crença, norma e estilo), há somente uma multidão de culturas, de crenças, de normas e de estilos (ESCOBAR, Samuel; SALINAS, Daniel *apud* Os Guinness, 1999, p. 25).

Sendo uma das vozes do período da pós-modernidade, Richard Rorty, nascido em 1931, é conhecido pela sua posição em favor do “pragmatismo”. Seu estudo, que abalou a visão da modernidade de que o homem é capaz de chegar à realidade através de sua mente, detém-se, primeiramente, na explicação de que uma pessoa não possui acesso às bases do conhecimento. Diferente do que se concluiu através de Descartes, não é porque o homem pensa algo, que a forma com que ele concebe as coisas imputa sobre elas o seu significado. Wilfrid Sellars (1963), considerou que, uma vez que tudo ao que o homem tem acesso é passível de dúvida, ele não pode pautar-se com segurança em nenhuma assertiva para afirmar seu conhecimento.

Somado a isso, Grenz (2008, p. 217) arremata que a visão pragmática da verdade é não-realista, isto é, a relação do homem com o mundo é estabelecida pela sua linguagem (suas próprias concepções adquiridas). “Dizemos: a neve é branca, simplesmente porque escolhemos nossas categorias dessa maneira”. A verdade, portanto, não é única ou transcendente, como a era moderna propôs, antes é “uma questão de convenção humana”, ela é produzida com base na linguagem que os indivíduos possuem.

Nessa visão, grandes cientistas inventam descrições do mundo úteis para os propósitos de predizer e controlar o que acontece, assim como poetas e pensadores políticos [...] Mas não há sentido em que qualquer dessas descrições seja uma representação exata de como o mundo é em si mesmo (RORTY, 1989, p.4).

Para Rorty, a verdade não possui nenhuma essência, não existe um conhecimento humano que se firma como verdadeiro por julgar corresponder a realidade. O indivíduo pragmático, então, não detém-se na busca pela verdade, antes lança-se sobre o que é melhor para si próprio, “verdade é aquilo em que, para nós, é bom crer” (*idem*, 1989, p.4). Nessa mentalidade pós-moderna, segundo Nicodemus (2019, p.70), o relativismo atua desconstruindo “o princípio implícito da verdade absoluta, de valores, conceitos e ideias”, por conseguinte, reivindicar que a verdade está concentrada em uma única linha de pensamento é inconcebível.

Diante do conteúdo desenvolvido por Michel Foucault (1984, p.72-73), filósofo francês, “a verdade não está fora do poder [...]. Ela é algo deste mundo: produzida apenas em virtude de múltiplas formas de coerção”. Para o autor, portanto, o homem deve romper com tudo o que se lhe apresenta com o objetivo de o dominar ou persuadir. Uma vez que cada sociedade expressa um padrão de verdade, é constituída por diretrizes que apontam o certo e errado e produz a forma correta de como as coisas devem ser, Foucault apresenta para o homem a tarefa de romper com esse poder criador para produzir a sua própria verdade, podendo assim abrir-se à liberdade da “autocriação autônoma” (CARSON, 2015 p.90-94). É um conceito que Bauman (2001, p.12) descreve quando aborda a respeito da modernidade líquida, dizendo que há um “derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitas de limitar a liberdade individual de escolher e agir”. A concepção estruturalista, isto é, de que existe uma estrutura que rege o mundo, não é concebida por Foucault, “não há nenhum ‘significado’ original ou transcendental a que todos os ‘significantes’ devam se referir em última análise”. (GRENZ, 2008, p.18; 184).

Diante disso, sendo a verdade nada mais do que construções feitas como meio de instrumentalização do poder, o descrédito e afastamento das instituições religiosas que conclamam deter a verdade absoluta é claro; embora a pós-modernidade não exija um desligamento com algum ser divino. Uma vez que com a secularização a religiosidade, o sagrado, vem perdendo seu significado para a sociedade pós-moderna, as pessoas lidam com essas questões em um relacionamento por conveniência; uma religião não é melhor do que a outra, não detém a verdade, cada uma não passa de mais uma opção entre as demais e por isso, escolhe-se religião como escolhe-se roupa: a que mais agrada. Além disso, há o sincretismo, que confere a possibilidade de adotar o que há de melhor entre as mais variadas crenças (AMORESE, 1998, p. 66-69). De modo geral, manter-se fiel, constante, quer seja em instituições religiosas, quer em relacionamentos e assim por diante, não é algo próprio do período pós-moderno. É o que Bauman (2001, p. 159) esclarece quando aponta para o sentimento de privação que começa a pairar nos indivíduos, é como se a infinidade de possibilidades ultrapassasse a durabilidade das coisas e se manter com as mesmas é um risco que ninguém quer correr diante

do novo.

Tendo em vista o que se expôs neste ponto, a pós-modernidade apresenta-se como um período que trata como irreal a possibilidade de existir uma verdade absoluta. Qualquer bandeira que se erga em prol da verdade universal, é lançada ao chão. O que se apresenta como verdade nada mais é do que construções feitas, ora por indivíduos, ora por instituições, que buscam o poder, e assim, possuem as suas “verdades”. O homem, diante disso, teria o papel de se desprender de toda forma de verdade/poder, a fim de que pudesse usufruir de uma liberdade e acessibilidade as mais variadas opções para construir-se como um ser autônomo.

1.2 Os desafios e oportunidades da pregação bíblica na pós-modernidade

Como se pôde notar acima, a chegada da pós-modernidade conferiu novas características à cosmovisão da sociedade. A afirmação de que não há uma verdade absoluta foi o grande abalo dos alicerces que mantinham o período anterior; e esse mesmo abalo tem afetado a pregação bíblica no período pós-moderno. Analisar essa influência, identificando o que de fato pode causar danos a pregação, mas o que também é capaz de fortalecê-la é o propósito deste tópico.

Ao manusear algumas obras sobre a condição da pregação bíblica na atualidade, é fácil deparar-se com as proposições de que à medida que a modernidade – não se referindo ao período, mas ao “novo” de forma geral – foi se desdobrando sobre a sociedade, a pregação bíblica foi sendo reduzida nas igrejas. Nas palavras de Erickson (2010, p. 56): “no interesse de estabelecer um ponto de contato com a existência histórica contemporânea, boa parte da teologia moderna tem tendido a afirmar demasiadamente a cultura, que acabou perdendo a essência da mensagem cristã”.

O pluralismo, sem dúvidas, é um grande arquiteto por trás dessa obra, o qual não se restringe à construção de uma casa segura, ou verdadeira, para a sociedade. O pluralismo produziu várias opções de moradia para o homem, isto é, este agora pode fazer suas escolhas de maneira utilitária, pois uma vez que não há uma verdade absoluta no pós-modernismo, mas várias “verdades”, opta-se pela que trará mais benefícios ao homem.

Esse apresenta-se como o primeiro desafio à pregação bíblica, a preleção de qualquer tipo de mensagem que agrade o ouvinte, exceto a verdade. É assim que alguns púlpitos tem servido seus ouvintes, oferecendo-lhes um tipo de palestra, conversa informal, algo que seja mais simpaticante com o que querem ouvir, em vez de comunicar-lhes o ensino da Palavra (LLOYDE-JONES, 2008, p. 20,21). Como hastear uma bandeira em nome da verdade – Cristo – afugentará as pessoas, no meio eclesiástico há uma busca por entretê-las “por meio de fatores subjetivos que o mundo qualifica como prazerosos”, isto é, o entretenimento, em vez de proclamar a verdade. Há uma atenção e preparo excelente como, por exemplo, com a música, em detrimento da ministração da Palavra de Deus, a fim de proporcionar satisfação às pessoas. Diante disso, pode-se inferir que as igrejas ainda estão falhando quanto ao “manejo e uso apropriado da verdade” (CARSON, 2015, p. 412).

Os pregadores não devem distorcer o que a Bíblia ensina a fim de saciar a sociedade que “prima pelo prazer, pelo hedonismo, pelo imediatismo, pelo pragmatismo e não está disposta à reflexão” (QUINTELA, 2016, p.108). O desafio da pregação bíblica encontra-se em não ceder à deturpação de sua mensagem para agradar os ouvintes. O desafio dos pregadores é não suavizar a exclusividade que o evangelho exige, utilizando a “pregação” como forma de entreter as pessoas nos bancos das igrejas (LLOYD-JONES, 2008, p.20).

Se o pós-modernismo não acredita haver um centro comum para o qual todas as coisas convergem, os púlpitos não devem ceder à pressão e descentralizar Cristo, a verdade, de sua pregação, pois, como bem faz lembrar Lutero, “o conteúdo da pregação só pode ser Cristo [...]. A tarefa da pregação exige, antes de mais nada, que o pregador anuncie uma doutrina pura e sã”, o pregador não deve agir como o mundo o quer, nem “falar aquilo que o pessoal quer ouvir” (KIRST, 1996, p. 171; 174; 176-177). Se por um lado o pregador não deve distorcer a palavra para falar o que as pessoas querem ouvir, por outro ele deve pregar o que as pessoas querem ouvir, isto é, no sentido de dar respostas para suas perguntas, orientações para suas necessidades, sem comprometer o caráter santo, verdadeiro e supremo da Palavra. Qualquer distorção ou adaptação que tire a centralidade da verdade, não deve ser aceita na proclamação.

Somado a isso, outro desafio pós-moderno concentra-se na cosmovisão, dialogada por Foucault, de que as assertivas de verdade estão sempre enredadas com o poder (ESCOBAR; SALINAS, 1999, p. 30). Pode-se citar aqui, pregadores do cristianismo – se assim podem ser chamados – sem o Cristo, os quais buscam manipular as pessoas através de falácias. Lloyd-Jones (2008, p.19) identifica-os como aqueles que possuem muitos elementos de espetacularidade; eram habilidosos em manipular congregações, comovendo as emoções dos ouvintes. Todavia, é evidente que com esta conduta já se perdeu o compromisso que os proclamadores do evangelho devem ter com a verdade. Na proclamação desta, na exposição de Cristo, encontra-se a libertação, pois diferente do que Foucault defendia, esta verdade não é produzida por homens, é transcendental; não escraviza seus adeptos, mas liberta-os para encontrar-se com quem verdadeiramente são em Cristo (João 8:32, Colossenses 3:3, JFA).

Visto isso, se por um lado a pós-modernidade apresenta-se com seus desafios à pregação bíblica, por outro ela também fornece um campo possível de atuação para os proclamadores do evangelho, se estes souberem discerni-los. Uma das repercussões que a pós-modernidade gerou em crítica à modernidade quando afirmava não haver uma verdade absoluta, transcendental, era que o exercício da razão por si só, fazia-se inútil na busca do indivíduo pela realidade. Grenz (2008, p. 241) afirma: “A crítica pós-moderna à modernidade apresenta-se como lembrete necessário de que nossa humanidade não consiste somente na dimensão cognitiva”. Isso tem sua repercussão e confirmação para a pregação bíblica, pois por mais que se trata da exposição racional de um homem a outro homem sobre uma verdade transcendental, a comunicação do evangelho deve ir além do intelecto. A pregação bíblica deve encontrar pontos de contato com as pessoas relacionados aos seus afetos, dramas e sentimentos que fazem parte de quem são.

Por não se restringir apenas ao intelecto, a cosmovisão pós-moderna também reverbera positivamente sobre a pregação bíblica quando a influencia no comprometimento com o indivíduo de forma holística. Desprender-se de uma proclamação que se preocupa apenas em salvar “almas” e desconsidera o indivíduo em suas questões físicas, emocionais e sociais é uma tarefa para a qual os pregadores são chamados a realizar e para a qual devem estar bem equipados

através da Bíblia. A observação de Grenz (2008, p. 244) no assunto deixa claro que a pregação efetiva:

não significa dar mais ênfase, pura e simplesmente, aos aspectos emocionais e afetivos da vida juntamente com o aspecto racional. Pelo contrário, o evangelho que proclamamos implica a integração do aspecto emocional-afetivo, bem como físico-sensual, juntamente com o intelectual-racional, tendo em vista a pessoa humana como um todo [...] deve também situar a pessoa humana novamente no contexto social e ambiental.

Ao identificar que as emoções, intuição, bem como a percepção do homem como um todo (holismo) são características da pós-modernidade e que formam um campo de atuação possível e necessário para os pregadores que desejam comunicar nos tempos atuais, tem-se a tarefa de trilhar um caminho sadio sobre elas.

Um pastor que tem se destacado neste exercício é Andy Stanley. Stanley é pastor da North Point Community Church, na Geórgia. Ele fala semanalmente a mais de 15 mil pessoas e tem se tornado uma das vozes a guiar muitos pregadores na atualidade. Autor do livro “Comunicação que Transforma”, ele tem como alvo na comunicação da Palavra a transformação de vidas e apresenta uma forma de pregação envolvente, a qual estabelece contato com o ouvinte e lhe propõe temas que são relevantes para sua realidade. Ter esse alvo nas pregações constitui respostas válidas para as postulações do período pós-moderno.

Primeiramente, é válido pontuar que na pregação bíblica o alvo é proporcionar às pessoas uma mudança de vida e para isto há necessidade de mais do que simplesmente informações. Se elas por si só fossem suficientes, os fariseus, por exemplo, conhecedores das Escrituras, não seriam advertidos pela sua hipocrisia através de Jesus. Diante disso, Stanley deixa claro que na comunicação não basta apenas passar informações, é preciso estabelecer uma pregação que seja baseada no relacionamento, na maior proximidade possível com as pessoas (STANLEY, Andy; JONES, Lane, 2010, p. 128). Antes de tentar convencer seu público de algo, o pregador deve estabelecer um “terreno comum” entre ele e seus ouvintes.

Diante da rejeição que se levanta quando as pessoas percebem que se está tentando convencê-las através do binômio verdade/poder, pode-se ganhar a atenção

delas através de relatos que as envolvam em experiências e circunstâncias que lhes despertem sentimentos, lembranças que sejam comuns entre elas e o comunicador. Deste modo, ocorre uma identificação entre o pregador e seus ouvintes e uma aceitação pelo o que ele tem a dizer. Essa construção, segundo Stanley, deve ser feita no início da pregação, quando o comunicador expõe sua experiência, humanidade, sentimentos, fragilidade e busca, em seguida, incluir todos os ouvintes no que está sendo dito, gerando uma tensão, uma “circunstância problema” que ambos enfrentam e que precisa de uma solução. O objetivo principal é despertar o interesse das pessoas, suas emoções, experiências que as liguem com o que está sendo dito e provoque sua curiosidade pela solução (ibidem, p. 130-131).

A resposta à tensão levantada encontra-se na exposição da palavra de Deus. Stanley explica a necessidade de envolver os ouvintes com o texto bíblico, não simplesmente lê-lo e prosseguir. Para isso, pode-se usar de alguns recursos como comentar o texto ao longo da leitura se esse for muito longo; explicar e destacar palavras que sejam estranhas; expressar as possíveis frustrações ou dúvidas que o pregador possa ter, assim como seus ouvintes e afins. Esta parte é o cerne da pregação, e como observa Stanley, deve ser a parte mais envolvente e fascinar as pessoas ao ponto de fazê-las pesquisarem mais sobre o assunto posteriormente (JONES; STANLEY, 2010, p.133, 134, 167, 168).

Ao considerar a efemeridade da sociedade pós-moderna, sua falta de permanência nas coisas, de acordo com Stanley a pregação na sua continuidade deve apresentar uma aplicação da mensagem bíblica possível de ser assumida. Com isto ele quer dizer que, em vez de propor “um compromisso para alterar radicalmente a totalidade da vida”, busca-se um desafio mais realista, em um nível menor, que sugira uma mudança durante uma semana, ou um dia.

Na última parte do sermão, mais uma vez, percebe-se a contribuição de Stanley frente ao período pós-moderno. Na sua visão, deve-se levar as pessoas a imaginarem os resultados benéficos em aplicar o que foi ensinado (STANLEY, Andy; JONES, Lane, 2010, p.134-137). Como a geração atual é voltada para os resultados que podem ver na prática, (LEEMAN, 2019, p. 21) é possível estabelecer uma ponte com essa característica sem comprometer a exposição da Palavra. Pode-se usar do desejo de alcançar resultados e compartilhar as consequências positivas que a

aplicação da mensagem bíblica pode trazer para a vida das pessoas.

Embora o tempo que as pessoas conseguem se concentrar em algo seja curto, Stanley lembra das horas que elas passam assistindo a um bom filme ou lendo um bom livro. A pregação bíblica, por mais que tenha, sim, um conteúdo, uma mensagem suficiente para mudar vidas, portanto, não deve negligenciar ferramentas que podem atrair mais pessoas. A comunicação da Palavra deve ser como uma história, como um bom filme ou um livro fascinante. Somos envolvidos desde o início com a criação de alguma tensão. A tensão é resolvida e surge o clímax. Finalmente há uma conclusão que amarra todos os fios soltos (STANLEY, Andy; JONES, Lane, 2010, p.149, 158).

Stanley sublinha que o pregador deve abordar assuntos específicos que as pessoas enfrentam. Como exemplo, cita o ensino sobre pureza sexual, dinheiro, família e afins, pois estes temas não só tratam de questões “que consomem o tempo e a atenção do homem e da mulher modernos”, mas também são pautas que a Bíblia aborda, orientando como devem ser administrados (STANLEY, Andy; JONES, Lane, 2010, p. 102-103). Dessa maneira, fica evidente que a pregação bíblica tem tanto o que contribuir para o homem em sua integralidade, quanto o imperativo de que se deve fazê-lo, proporcionando às pessoas a capacidade de entender e lidarem com os assuntos que lhes são pertinentes.

Através destas contribuições de Andy Stanley, torna-se possível compreender a intencionalidade que o pregador da Palavra de Deus deve assumir ao comunicá-la. A pregação deve ser feita de modo inspirativo e envolvente, estabelecendo pontos de contato com os ouvintes; apresentando-lhes o texto bíblico de modo que os conectem na leitura, propondo uma aplicação sensata que os estimule a pô-lo em prática.

Diante do exposto, compreende-se que, se por um lado a pregação bíblica não deve comprometer o conteúdo de sua mensagem, isto é, deixar de expor a verdade que ela comporta sobre a fé e, através da visão desta, sobre outras áreas da vida humana, por outro, ela precisa adequar-se quanto à forma. Estabelecer os contatos necessários com os conceitos da pós-modernidade que permeiam as mentes das pessoas é um meio de atraí-las mais facilmente, transformando suas vidas pelo poder da Palavra de Deus.

2. BASES DA PREGAÇÃO BÍBLICA E OS RECURSOS PARA A SUA COMUNICAÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE

Uma vez que as características da sociedade pós-moderna foram aferidas, bem como os desafios e oportunidades que ela apresenta frente à pregação da Palavra de Deus, far-se-á uma apresentação das características que regem uma pregação bíblica, bem como os recursos para comunicá-la na sociedade pós-moderna.

2.1 As bases da pregação bíblica

Apresentar-se-á nesta seção as bases da pregação bíblica, no que ela se constitui, aludindo a duas tarefas, um critério e uma ação dinâmica.

2.1.1 Duas tarefas, um critério em comum

A exposição ao tema da pregação bíblica imputa em duas dimensões que devem atender a um critério em sua execução. Em outras palavras, a pregação da Bíblia exige uma ação tanto sobre a exposição da Palavra de Deus, quanto sobre as pessoas que a ouvem, tendo como crivo, a pessoa de Cristo. Essa concepção sobre a pregação bíblica não é algo novo, muito menos específico da sociedade pós-moderna. Trata-se de uma visão atemporal, que faz a pregação ser uma pregação bíblica e que por isso, deve ser analisada e praticada independentemente da época em que o pregador se encontra.

Através da sistematização que Agostinho realiza sobre a pregação, é possível evidenciá-la por meio de duas tarefas, uma vez que, segundo ele, o dever de um pregador não é só “instruir e provar”, mas também prender a “atenção e encantar [...] comover as pessoas e levá-las à ação”. Logo, não se deve apenas lançar informações, deve-se buscar os meios pelos quais as pessoas poderão entendê-las (KELLER, 2017, p. 15,16).

Essas duas ações são muito explícitas na visão de Stott também, o qual argumentou que “expor as Escrituras é esclarecer o texto inspirado com tal fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus seja ouvida e seu povo lhe obedeça”. Primeiramente, ao explicar sobre a “fidelidade”, Stott esclarece sobre a necessidade

de adentrar a circunstância dos autores bíblicos; ao invés de impor-lhes o pensamento do século XXI, deve-se estudar o texto no contexto em que foi escrito (ROBINSON; LARSON, 2009, p. 27, 29).

Para enfatizar a integridade quanto ao texto bíblico, em seu livro “Eu creio na pregação”, Stott (2003, p. 135) faz sua defesa do método exegético “gramático-histórico”, cuja interpretação do texto é feita em conformidade com a origem histórica e a construção gramatical do mesmo. Por conseguinte, da mesma forma que Stott alerta para as armadilhas de seguir a própria imaginação na interpretação dos textos bíblicos, Keller (2017, p. 38, 39) também a refuta, pontuando que a pregação não é lugar para exibicionismo acadêmico; deve-se pregar para evidenciar as Escrituras e submeter todas as ferramentas exegéticas a isso. Essa, então, é a primeira faceta da pregação.

Em segundo lugar, no que diz respeito a outra dimensão da pregação, a “sensibilidade”, tem-se o compromisso com o mundo com o qual se fala; o pregador deve ir além do papel de exegeta (explicar o significado original do texto). Ele deve aplicar esse significado às pessoas de seu tempo (ROBINSON; LARSON, 2009, p. 30, 52-53, 55). É justamente através do trabalho exegético – do estudo das circunstâncias culturais, sociais e históricas que dizem respeito a vida dos primeiros leitores do texto em questão – que se obtém o objetivo pelo qual aquela porção foi escrita e assim, uma vez tendo o propósito original do texto, faz-se necessário o entendimento da vida das pessoas com as quais se fala, a fim de que a compreensão anteriormente obtida seja aplicada em conformidade com a realidade dos ouvintes contemporâneos (KOESSLER, 2010, p.52, 53, 55).

Além de considerar as pessoas quanto a aplicação, Keller (2017, p. 22; 50) pontua sobre as maneiras de se apresentar o texto bíblico, pautando-se em uma forma que desperte o coração do ouvinte. O autor considera que a persuasão, utilização de ilustrações e afins não podem ser desprezados para alcançar o coração das pessoas, “em primeiro lugar, porque sem estes elementos a pregação se torna tediosa e, em segundo lugar, porque não faz justiça ao seu propósito”. Depreende-se, portanto, que a forma com que se prega também deve ser feita levando em consideração as pessoas às quais se prega. Há um dever não só de informar a mente, mas também de pregar de modo que o interesse e a imaginação

das pessoas sejam capturados.

Diante do exposto, a forma de realizar as duas tarefas na pregação – pregar levando em consideração a Palavra de Deus e as pessoas – desenvolve-se na apresentação da obra de Cristo. Na exposição da Palavra de Deus, deve-se apresentar de que maneira os temas abordados se cumprem e podem testificar da pessoa de Cristo. Com referência às pessoas, é imperativo que se mostre a necessidade da fé em Cristo, que Ele seja apontado como o caminho pelo qual as pessoas poderão viver o que está sendo pregado (ibidem, p. 22-23).

A exposição de Cristo nos sermões é algo para a qual Spurgeon (1982, p. 96) alude quando diz que “tudo mais que preguem ou deixem de pregar”, aqueles que se dispõem à comunicação da Palavra devem se assegurar de apresentar Jesus. Keller (2017, p. 74) faz a mesma conclamação: pregar Cristo em todas as passagens. Ele apresenta o argumento de Ed Clowney para esclarecer que pregar sobre uma história específica da Bíblia, sem inseri-la na história geral da mesma, ou seja, sem apontar para Cristo como o cumpridor de toda a Palavra de Deus, seria mudar o significado da história que está sendo pregada, depositando no homem a autossuficiência em cumprir com a mensagem.

Aludir de que modo o texto que se está pregando aponta para Cristo, para o evangelho, atende à primeira tarefa da pregação – anunciar a Palavra de Deus fielmente – pois essa passa a ser uma forma de evidenciar aos ouvintes que a Bíblia toda faz sentido. Tanto o Antigo, quanto o Novo Testamento, formam um “enredo narrativo unificado cujo desfecho e clímax se dá em Jesus”. Por conseguinte, demonstrar às pessoas de que maneira certa passagem da Palavra de Deus se encaixa na sua história toda, relatada na Bíblia, é uma afirmação de um anúncio fiel da Palavra de Deus na pregação.

Um exemplo disso pode-se ser visto sobre uma exposição que Keller faz sobre um texto que, por mais que traga Cristo em seu conteúdo, pode ou não apontar para o evangelho, isto é, o texto do possesso em Marcos 5, curado por Jesus. Se a exposição ficasse somente no fato de que Jesus pode libertar, não cumpriria com o objetivo de evidenciar a obra, o evangelho de Cristo, contudo, se fosse exposto que aquele endemoninhado é um retrato da humanidade e que Jesus só o pôde libertar, pois foi o substituto do pecador e morreu em seu lugar, então o

sermão conseguiu aplicar uma história bíblica específica à luz da história geral da Palavra de Deus (KELLER, 2017, p. 74, 75; 78-80).

Vale, entretanto, fazer uma observação. Keller menciona que se deve extrair as particularidades do texto, a fim de que a forma com que se apresenta Jesus não seja a mesma toda semana. Jesus deve ser a resposta para o tema, para o problema que está sendo trabalhado. Para ilustrar este fato, Keller relata um diálogo narrado por Spurgeon entre um ministro galês e um ministro mais jovem sobre o sermão que este acabara de pregar. Nessa conversa se faz uma comparação: assim como todas as estradas da Inglaterra se conectam com uma estrada que leva a Londres, em primeiro lugar, na pregação deve-se “identificar onde fica a “rua do comércio” ou a “rua principal” da cidade. Ou seja, aprofundar-se no texto, encontrar o tema, a ideia principal e depois, em segundo lugar, partindo deste tema, percorrer pelo caminho que levará a Cristo (ibidem, 80-83).

Com a segunda tarefa da pregação em vista, ou seja, as pessoas, deve-se pregar que Cristo é o único modo pelo qual as pessoas podem mudar realmente de vida, uma transformação de dentro para fora. Mostrar apenas como as pessoas devem agir, sem inserir isso no evangelho, confere a elas a “impressão de que podem ser completas o suficiente para viver uma vida equilibrada se realmente se esforçarem para isso”. A fim de explicitar essa asseveração, Keller cita uma pregação sobre José, quando este foge da mulher de Potifar. Ao pregar sobre isso, poder-se-ia trabalhar a lição: “fugir da tentação”. Todavia, o ensino não deve findar aqui, apontando para um moralismo, no qual se dá a entender que através de um viver correto, as pessoas terão a benção de Deus. É necessário apontar para Cristo como solução, como ele salvou o homem resistindo à tentação, cumprindo a Lei, sendo o seu substituto, e assim, sendo o caminho que conduz à mudança de vida. Não apontar para o evangelho, para Cristo, como resposta às pessoas, é dar-lhes a ideia de que podem por si só resolver seus problemas (KELLER, 2017, p. 75,76).

Diante do exposto, portanto, o exercício da pregação reivindica duas tarefas que devem ser realizadas com base em um critério: o pregador deve ensinar o texto bíblico tanto com fidelidade ao seu significado original, quanto com sensibilidade ao seu mundo atual, aferindo-se sempre a obra de Cristo. A exposição da interpretação correta das histórias descritas na Bíblia deve ser seguida da aplicação às pessoas,

levando em consideração também a forma como se fala e se expressa a elas, a fim de cativar-lhes a atenção. Realizar essas duas responsabilidades cumprindo, respectivamente, com a inserção do tema pregado dentro do tema geral da Bíblia, isto é, a obra de Cristo, bem como aludindo a Ele como o caminho para as mudanças propostas através da pregação, é o que caracteriza a pregação bíblica.

2.1.2 Contextualização: a dinâmica da aplicação

Uma vez que a Palavra de Deus foi escrita em um tempo e para destinatários específicos, é necessário que o significado original dos textos seja comunicado em conformidade com o tempo e o público presente. Essa tarefa cabe à contextualização.

Classificada para alguns estudiosos sob o termo de “aplicação”, a contextualização recebeu seu conceito pela primeira vez em 1972, através da publicação do documento *Ministry in Context* (Ministério em contexto), pelo Fundo de Educação Teológica. No documento apresentou-se que contextualização é “o processo dinâmico que interpreta a significação de uma religião ou norma cultural para um grupo com uma herança cultural diferente”. Trata-se, portanto, da forma com que o resultado obtido pela exegese, isto é, o significado do texto, aplica-se ou contextualiza-se diante dos ouvintes. O pregador da Palavra de Deus, dessa forma, possui a responsabilidade de fazer com que os textos bíblicos se comuniquem com a sociedade atual da mesma forma que comunicaram com seus receptores originais. (OSBORNE, 2009, p.530, 531).

Com vistas à contextualização/aplicação, uma diferenciação deve ser feita: através das porções da Bíblia, pode-se encontrar tanto “proposições universais normativas para todos os tempos”, quanto proposições culturais que pertencem a um tempo definido (LARSEN, 2005, p. 153). Em outras palavras, existem textos que prescrevem normas que são apenas para o âmbito cultural, destinado especificamente para o povo original, e normas que estão acima da cultura desse povo, reivindicando, assim, a observação das pessoas de qualquer tempo.

Um ponto para o qual Osborne (2009, p. 545, 548) chama a atenção é de que essa diferenciação não importa em conferir se certa passagem é normativa ou não, e sim em identificar se o princípio normativo contido no texto em questão

firma-se em um “nível de superfície (supracultural) ou no nível fundamental subjacente à passagem (com a situação ou mandamento de superfície aplicando-se principalmente ao ambiente antigo)”.

A fim de determinar se a porção bíblica expõe um mandamento supracultural ou fundamental, pode-se analisá-la diante de práticas culturais que eram comuns ao tempo em que o texto foi escrito. Por exemplo, o fato das mulheres cobrirem a cabeça em Coríntios e não falarem ou ensinarem em público, diz respeito, especificamente, à cultura e costumes da época. Outro conselho proposto para identificar entre ambas as prescrições é separar o princípio teológico presente no texto da norma cultural. Exemplificando: o mandamento de se cumprimentar “com um beijo santo” baseia-se no princípio do amor recíproco, o qual pode ser reaplicado hoje, sem necessariamente ser através de um “beijo/ósculo santo”.

Dessa forma, é possível verificar que a contextualização determina a maneira pela qual o que foi solicitado aos ouvintes originais pode ser revivido pelos ouvintes contemporâneos. Deve-se “notar a situação por trás da passagem – i.e., as circunstâncias que levaram o autor original a enfatizar seu ponto – e então eles [os pregadores] devem procurar uma situação paralela na vida dos ouvintes receptores”. Sendo assim, a contextualização/aplicação trabalha sobre a forma em que os princípios universais contidos no texto podem ser aplicados em diferentes contextos (OSBORNE, 2009, p. 551-553).

Com o intuito de transpor o conteúdo bíblico ao público contemporâneo, portanto, o comunicador da Palavra deve saber diferenciar entre as normas supraculturais e fundamentais, retendo o princípio bíblico presente no texto e aplicando-o conforme a realidade das pessoas com as quais se deseja comunicar.

2.2 Recursos para a pregação na pós-modernidade

O intuito desta seção é fazer uma exposição dos recursos que são úteis para a comunicação da Palavra de Deus na sociedade atual, sem comprometer a pregação bíblica.

O primeiro recurso a ser trabalhado diz respeito ao estabelecimento de uma base de contato entre o pregador e o ouvinte. Somada à utilização já referida de Andy Stanley sobre esse método (JONES; STANLEY, 2010, p. 130, 131), Keller, ao

apresentar sua visão sobre o assunto, também pontua uma base de contato constituída de uma adaptação a algo pertencente ao ouvinte ou sua cultura, contudo, propõe isso com a intenção de confrontar o ouvinte (KELLER, 2017, p. 117-120). Sendo um método utilizado por P. T. Forsyth, ministro e teólogo congregacionalista escocês, Keller o exemplifica ao citar a utilização que o apóstolo João, em seu evangelho, fez do termo “logos” para confrontar seus ouvintes. Este termo era natural entre o grupo de filósofos gregos. Era utilizado em referência “à ordem cósmica por trás do mundo material”. Uma vez ciente do termo e de seu significado, João não repudiou as crenças dos filósofos pagãos, dizendo que estavam errados e que a Bíblia era no que deveriam crer. Em vez disso, ele afirmou que as concepções deles quanto ao universo estavam corretas, ou seja, ele nem se auto-governa nem era aleatório, “mas era guiado por um propósito sobrenatural que precisava ser descoberto. Em segundo lugar [...], ele [o apóstolo João] lhes mostrou que a realidade por trás dessas aspirações residia unicamente em Cristo”.

Outro exemplo de alguém que se utilizou de algo da cultura, sem deixar de confrontá-la, foi o apóstolo Paulo. Buscando persuadir seus ouvintes, no seu sermão em Atenas, utiliza “vocabulários e temas conhecidos [...] descreve Deus em termos que muitos pagãos podiam aceitar [...] cita autoridades respeitadas pelos seus ouvintes”. Paulo seleciona “algumas das crenças corretas de seus ouvintes e as usa para criticar suas crenças erradas à luz da Escritura”. A fim de exemplificar isso, vemos o apóstolo, em Atenas, citando Aratus, um pagão grego, que afirmou que os homens são descendência de Deus. Desta forma estabeleceu uma ponte de contato com a crença dos pagãos. Em seguida, Paulo os confronta em sua idolatria, dizendo: “Assim, visto que somos descendência de Deus, não devemos pensar que a Divindade é como o ouro, a prata ou a pedra, uma imagem feita pela arte e imaginação do homem” (At 17:29, NVI) (ibidem, p. 121-123). Esse é um meio pelo qual é possível demonstrar amor e respeito para com as pessoas e também confrontá-las. O pregador identifica-se com a cultura em algum nível, afirma algo que condiz com a verdade, entretanto mostra a contradição, o erro, de tal crença diante da exposição do ensino bíblico.

Em concordância com esse método, a contribuição de John Koessler, na obra “A arte e o ofício da pregação bíblica”, é vista sobre a escolha de introduzir uma

ideia/citação que seja aceita entre as pessoas e em seguida conduzi-las para o que a Bíblia diz a respeito, fazendo com que as pessoas reflitam sobre o ensino da Palavra de Deus. Koessler valida a abordagem de adentrar no sermão citando uma autoridade que os ouvintes respeitem e então, ligá-la ao ensino bíblico (LARSON; ROBINSON, 2009, p. 270). Essa é uma estratégia que Keller (2017, p. 127-128) abona especialmente para um público que tenha dúvidas sobre a Bíblia. Recorrer a uma autoridade respeitável para reforçar a tese apresentada na pregação é um recurso viável assim como as ilustrações também o são, podendo alcançar a atenção até mesmo dos ouvintes mais resistentes. Um exemplo citado por Keller é pregar sobre idolatria. Poder-se-ia citar a fala do já falecido romancista pós-moderno, David Foster Wallace, na qual ele alude ao fato de que todos adoram, mas cabe a cada pessoa escolher aquilo que adora (ibidem, p. 127-128).

Um ponto recorrente entre os materiais pesquisados sobre a pregação é a busca pela centralidade de um ensino apenas. De uma maneira mais abrangente, será apresentado, a seguir, o método de Andy Stanley sobre a pregação de um ponto só. Antes, entretanto, cabe pontuar a existência de outras formas de se apresentar mensagens e pregações para as pessoas de nossos dias que também são benéficas. Um ponto recorrente em todos os tipos de sermões e métodos de pregações é que eles devem ter apenas um assunto, apenas um tema. No caso de se usar o método do sermão expositivo, por exemplo, onde a mensagem tem como base um texto, uma perícopes bíblica, o sermão expositivo tem um tema, mas este tema é desdobrado e exposto através de vários pontos ou tópicos extraídos do texto e vinculados com este assunto central. Contudo, visando o desafio que o presente trabalho estabelece e a proposta apresentada, expõe-se a alternativa referida através do modelo de Andy Stanley que se diferencia quanto à inexistência daqueles desdobramentos.

Stanley, no seu método, enfatiza o uso de um ponto só por sermão, no qual todo o seu desenvolvimento é feito para evidenciá-lo. Ele menciona que essa maneira de pregar se adequa melhor ao mundo atual, no qual as pessoas não são propícias a ouvirem longas exposições repletas de informações. “É mais fácil para as pessoas seguir uma mensagem construída em torno de uma única ideia. Aquilo que é fácil de seguir traduz-se em algo fácil para experimentar”. A pregação de um

princípio por sermão apresenta-se como uma estratégia que torna mais fácil a memorização, a absorção das pessoas daquilo que elas, ao terminar a pregação, sairão sabendo (JONES; STANLEY, 2010, p.108,122, 123).

Stott (2003, p. 240, 241) faz a mesma consideração ao diferenciar preleções de sermões. Nas preleções espera-se que os ouvintes façam anotações, estejam tomando nota de tudo o que está sendo dito. Nos sermões, no entanto, tem-se que a palavra de Deus:

precisa ter seu impacto sobre eles ali mesmo, naquele momento. Os ouvintes não se lembrarão dos pormenores; nem deveríamos esperar que assim fizessem. Eles devem, no entanto, lembrar-se do pensamento principal, porque todos os pormenores do sermão foram colocados na devida ordem com a finalidade de ajudar os ouvintes a captar sua mensagem e sentir seu poder.

É interessante mencionar que a pregação de uma ideia por sermão não é algo, entretanto, peculiar aos tempos pós-modernos. Spurgeon (1982, p. 97, 98) já havia descrito as mudanças na capacidade de retenção de conteúdo apresentadas por cada geração. O famoso pregador já havia observado que quanto mais novas eram as gerações, menos conteúdo eram capazes de absorver quando comparadas com as gerações anteriores. Sobre o desafio da pregação bíblica em sua época, Spurgeon escreveu sobre a necessidade de se falar muito com “poucas palavras mas não demais, nem com demasiada ampliação”. “Um pensamento fixo na mente valerá mais do que cinquenta pensamentos que entram por um ouvido e saem pelo outro”.

Após determinar o único ensino a ser pregado, Stott (2003, p. 242) propõe, em consonância com Stanley, a apresentação e repetição de uma frase que resuma a ideia central do sermão (JONES; STANLEY, 2010, p. 109-118). É tarefa do pregador encontrar uma frase, uma “proposição categórica”, que seja capaz de fixar o princípio bíblico na mente das pessoas.

Levando em consideração a resistência que a sociedade atual apresenta frente ao anúncio do que é a verdade, pode ser útil o pregador demonstrar compreensão a respeito dos questionamentos e objeções que os ouvintes possam ter (KELLER, 2017, p.130,131), relatando que passou pelos mesmos problemas, mas conseguiu encontrar resposta para eles (Osborne, 2009, p. 574). Estratégias como essas demonstram a empatia do pregador e causam mais chances dos

ouvintes de se identificarem com ele, ficando mais propensos a ouvi-lo.

Assim, como esses recursos cooperam na comunicação da Palavra à sociedade atual, Keller (2017, p. 196,197) acrescenta que mais do que informação à mente, a pregação deve atingir o coração das pessoas. Keller expõe o significado de “coração” na Bíblia, esclarecendo que não é apenas a sede das emoções, mas também o responsável por pensar, ter vontades, fazer planos e tomar decisões. “O que o coração mais quer a mente acha lógico, as emoções acham precioso e a vontade acha factível”, portanto, é muito importante que a pregação toque o coração dos ouvintes.

Dentre os meios para se alcançar isso, cita-se, em primeiro lugar, o impacto do sermão primeiramente sobre o pregador. Osborne (2009, p. 594) adverte sobre pregações “secas e desinteressadas”. Uma vez sendo papel do orador fazer com que os ouvintes sintam emoção através da mensagem, é necessário que ela o desperte antes de qualquer outra pessoa. Antes de ser exposto, o sermão precisa falar com o pregador, impactá-lo, tem que despertar sua paixão para, então, almejar o mesmo com os ouvintes.

De acordo com Keller (2017, p. 205, 206) para se pregar com afeição, um dos pré-requisitos é que o pregador tenha uma vida de oração profunda. Se o pregador não está regularmente envolvido e maravilhado com a graça de Deus, dificilmente estará quando estiver no púlpito. Além disso, ter domínio sobre todo o conteúdo da pregação é fundamental. O pregador não deveria se esforçar para se lembrar do sermão, não deveria estar preso às anotações, pois deveria conhecer o sermão do início ao fim, seu dever é ter sua mensagem internalizada. Como Stanley menciona, suas palavras devem sair “do coração, e não de um roteiro”, ele deve ser capaz de ter em mente o que irá apresentar às pessoas e fazê-lo como quem conta uma história, sem pausas para ler algo por ter se esquecido do que deveria dizer (JONES; STANLEY, 2010, p. 139,141, 142).

Outro recurso a fim de pregar ao coração das pessoas é pregar de forma imaginativa. Stott (2003, p. 252) fala sobre ir além do uso de adjetivos que apenas contam como algo aconteceu. Ele diz que ao invés de contar que algo era “terrível”, deve-se descrevê-lo de tal forma que as pessoas fiquem aterrorizadas. Keller (2017, p. 207, 210) menciona que muitas vezes, as pessoas sabem algo, porém

apenas quando conseguem ter uma experiência sensorial com tal fato, é que aquela proposição torna-se algo real em sua vida e deve-se buscar isso na pregação. Em outras palavras, tem-se uma proposição e então se utiliza, por exemplo, da descrição, imagens, ilustração que sirva para despertar os sentidos das pessoas, assim como sua mente, conectando-as com o princípio apresentado.

As ilustrações foram uma das ferramentas utilizadas por grandes comunicadores do século XXI, como Steve Jobs. Reconhecido por apresentar palestras singulares, Jobs foi estudado em seu desempenho quanto à exposição dos produtos da Apple. No livro “Faça como Steve Jobs”, Gallo (2010, p.122) lista os recursos utilizados por ele em suas apresentações e dá ênfase à sua utilização de ilustrações. Essa era a ferramenta pela qual Jobs “acrescentava vida em sua linguagem”, ele comparava o produto ou ideia com algo conhecido pelo seu público. No lançamento do iPod Shuffle, em Janeiro de 2005, por exemplo, Jobs disse: “O iPod Shuffle é menor e mais leve que um pacote de chiclete”. A proposição (ou produto, no caso), foi inserida dentre as percepções dos ouvintes.

Haja vista a preferência por um vocábulo mais simples na comunicação, Gallo (2010, p. 114, 115) transcreve em seu livro sobre um processo comparativo realizado entre quatro apresentações de Jobs e Bill Gates, nos anos de 2007 e 2008, nos quais a linguagem empregada em apresentações de ambos foram analisadas através de um software on-line da UsingEnglish.com. O resultado da comparação mostrou que Jobs empregou palavras e linguagens que as pessoas tiveram mais facilidade de entender, sua comunicação foi mais assertiva, uma vez que utilizou de palavras mais simples, frases menos abstratas e com uma quantidade menor de palavras em cada uma. Diante disso, é notório que saber dialogar na linguagem dos ouvintes é um recurso imprescindível para uma comunicação bem-sucedida.

Um ponto para o qual é benéfico chamar a atenção é para a possibilidade de se utilizar slides nas pregações. Se a ferramenta for acessível, não deve ser negligenciada. Gallo (2010, p. 92) expõe que estudos baseados em dados objetivos revelam que slides simples e com o mínimo de informação são o melhor método de envolver um público. Richard Mayer é doutor, ensina psicologia educacional na Universidade da Califórnia e estuda aprendizagem multimídia desde 1991. Através

de suas pesquisas em que espectadores, alunos e afins são submetidos a recursos multissensoriais, percebe-se que, em comparação com aqueles que não as recebem, a lembrança da informação transmitida foi maior, em casos específicos, até 20 anos depois. “Quando o cérebro tem a possibilidade de construir duas representações mentais de uma explanação – um modelo verbal e um modelo visual –, as conexões mentais são muito mais fortes”. É válido ressaltar que não se trata de apresentar simplesmente slides abarrotados de informações e imagens, Richard Mayer esclarece que os efeitos positivos advêm de slides “limpos”, com poucas palavras e ênfase maior nas imagens; são esses, por exemplo, os slides presentes nas apresentações Steve Jobs (ibidem, p. 92, 94).

Por meio do exposto através dessa seção, pode-se depreender que na relação pós-moderna entre pregador e ouvintes, é relevante estabelecer pontos de contato com as pessoas, através de suas crenças, conceitos, autoridades respeitáveis e afins, para depois, confrontá-las ou mostrar-lhes a visão bíblica sobre o assunto. Salientou-se também: a importância de apresentar um único ensino na pregação e resumi-lo em uma frase; a demonstração da compreensão e empatia do pregador para com as pessoas; os meios para despertar o coração dos ouvintes através da pregação, bem como a forma de se utilizar slides, sendo uma forma de cooperar no processo da absorção da mensagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de apresentar o desafio da pregação bíblica diante da sociedade pós-moderna, o presente trabalho pôde elucidar pontos de atrito e de contato entre ambas, propondo recursos para que a pregação se mantenha fiel em seus fundamentos e ao mesmo tempo seja capaz de dialogar com as pessoas que constituem essa sociedade.

A primeira inferência que se pode obter foram as características da sociedade pós-moderna: resistentes às assertivas do que se propõe como verdade, desprendida em relação aos padrões, mais subjetivas do que racionais e adeptas ao “uso e desuso” por conveniência. Em seguida, os desafios e oportunidades frente às questões anteriores foram aferidos, concluindo que os comunicadores da Palavra de

Deus podem trilhar o caminho de uma pregação envolvente, que estabeleça pontes de contato com os ouvintes, dando-lhes atenção e resposta aos temas que lhes são pertinentes, além de apontar às pessoas os resultados que o compromisso com as verdades expostas no sermão podem proporcionar-lhes.

No segundo e último capítulo, pôde-se constatar que a pregação bíblica baseia-se na exposição fiel do texto bíblico, aliada à sensibilidade para com as pessoas, apontando sempre para a obra de Cristo. A contextualização da mensagem é um exercício dinâmico e necessário a fim de que o conteúdo bíblico seja aplicado às pessoas em seus contextos, porém sempre tomando em consideração a cultura para a qual o texto foi redigido. Por último, averiguaram-se os recursos que podem ser utilizados na pregação à sociedade pós-moderna, encontrando respostas no estabelecimento de pontos de contato através de crenças, conceitos, argumentos de autoridade que são respeitáveis para as pessoas, a fim de, em seguida, expor-lhes a visão bíblica sobre o assunto tratado.

Foi apresentado como uma excelente maneira para atingir as pessoas da era pós-moderna, o método conhecido como “pregação de um ponto só”, desenvolvido pelo pastor norte-americano Andy Stanley. Salientou-se também o benefício de se utilizar uma única ideia, um único pensamento central na pregação, pensamento este que pode ser formulado em uma frase e que, sendo repetida ao longo da pregação, pode ser incutida na mente e coração dos ouvintes. Realçou-se a importância do pregador ter empatia sincera para com seu público a fim de alcançar o seu coração. O uso de slides na pregação foi exposto como útil, desde que o recurso seja utilizado de forma adequada.

Chega-se, portanto, ao fim deste trabalho, com uma pesquisa que abarcou características e formas de comunicação com a sociedade pós-moderna, a fim de que a Palavra de Deus seja a ela comunicada com relevância e fidelidade ao seu conteúdo. Através da leitura da sociedade atual, permeando concepções filosóficas e princípios homiléticos, o presente trabalho buscou expor uma resposta ao desafio da pregação bíblica na pós-modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMORESE, Rubem Martins. **Icabode; da mente de Cristo à consciência**

moderna. Viçosa: Ultimato, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BÍBLIA. João. Português. Bíblia Shedd. João Ferreira de Almeida, revista e atualizada. 2º ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. cap. 8. vers. 32.

_____. Colossenses. Português. Bíblia Shedd. João Ferreira de Almeida, revista e atualizada. 2º ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. cap. 3. vers. 3. Reader 1984.pdf. Acesso em: 18/05/2020.

BOLETIM TEOLÓGICO, FTL. A missão frente à modernidade – Os Guinness. Porto Alegre: [s.n.]. Ano 4, nº 11 de Abril de 1990. 20 p.

CARSON, D.A (Org.). **A verdade, como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

ERICKSON, MILLARD J. **Escatologia: a polêmica em torno do milênio**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

ESCOBAR, Samuel; SALINAS, Daniel. **Pós-Modernidade, novos desafios à fé cristã**. São Paulo: ABU, 1999.

FOUCAULT, Michel. “Nietzsche, genealogy, history”. In: The Foucault reader. Disponível em: https://monoskop.org/images/f/f6/Rabinow_Paul_ed_The_Foucault_Reader_1984.pdf. Acesso em: 05/10/2020.

GALLO, Carmine. **Faça como Steve Jobs**. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

GRENZ, Stanley J. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

KELLER, Timothy. **Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KOESSLER, John. **Manual de pregação**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

LARSON, Craig Brian; ROBINSON, Haddon. **A arte e o ofício da pregação bíblica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

LARSEN, David L. **Anatomia da pregação: identificando os aspectos relevantes para a pregação de hoje**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

LAWSON, Steven J. **O tipo de pregação que Deus abençoa**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2013.

LEEMAN, Jonathan. **A igreja centrada na Palavra: como as Escrituras dão vida e crescimento ao povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

LLOYD-JONES, D. Martyn. **Pregação e Pregadores**. 3 ed. São Paulo: Editora Fiel, 2008.

NICODEMUS, Augustus. **Cristianismo na universidade: a prática da integração da fé cristã à academia**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

QUINTELA, William Tenório. **A ética do púlpito: uma reflexão sobre o significado do púlpito para a igreja evangélica na atualidade**. Disponível em: <http://ead.batistapioneira.edu.br/ojs/index.php/ensaios/article/view/154/188>. Acesso em 18/05/2020.

RORTY, Richard. **Consequences of pragmatism**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.

SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que intervém: o evangelho para o homem de hoje**. 2 ed. Brasília: Refúgio, 1985.

SPURGEON, C. H. **Lições aos meus alunos**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1982. v 2.

STANLEY, Andy; JONES, Lane. **Comunicação que transforma: ensinar para impactar vidas**. São Paulo: Editora Vida, 2010.

STOTT, John. **Eu creio na pregação**. São Paulo: Editora Vida, 2003.

STOTT, John. **Ouçá o Espírito, ouçá o mundo**. São Paulo: ABU Editora, 1997.